

Edith Stein: mediação social, política e cultural entre os séculos XIX e XX.

Edith Stein: social, political, and cultural mediation between the 19th and 20th centuries.

Rarden Luis Reis Pedrosa¹

Resumo:

O artigo em epígrafe dedica-se a examinar alguns dos principais movimentos políticos, sociais e culturais que marcaram a Alemanha no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, bem como o modo como tais acontecimentos impactaram a trajetória de Edith Stein. Filósofa, mulher engajada, judia convertida ao catolicismo, professora e intelectual politicamente atuante, Stein viveu em um contexto de intensas transformações históricas. Sua vida atravessou períodos decisivos, como o desfecho da Primeira Guerra Mundial, o conturbado processo de formação e consolidação da República de Weimar e, posteriormente, a ascensão do regime nazista, culminando em sua morte na câmara de gás de Auschwitz-Birkenau, em 1942. O estudo busca analisar como as experiências pessoais, acadêmicas e espirituais de Edith Stein foram moldadas por esses acontecimentos políticos e culturais, especialmente diante da atmosfera de instabilidade social, crise econômica e radicalização ideológica que caracterizou a Alemanha do período. Destaca-se, nesse percurso, sua incessante busca por identidade e verdade, marcada pela tensão entre sua herança judaica, sua conversão ao catolicismo e sua atuação intelectual em um ambiente permeado pelo crescente antissemitismo e pela repressão política. Ao situar a trajetória de Stein nesse cenário, pretende-se evidenciar a complexa relação entre indivíduo e história, revelando como escolhas existenciais e intelectuais são indissociáveis do contexto em que se desenvolvem.

Palavras-chaves: Intelectual, Política, Cultura, Mulher, Alemanha, Edith Stein.

¹ Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Associação Dehoniana Brasil Meridional – ADBM-SP. ORCID: 0009-0004-2307-7411. Contato: rardenscj@gmail.com

Abstract:

The article examines some of the major political, social, and cultural movements that shaped Germany in the late nineteenth and early twentieth centuries, as well as the ways in which these events influenced the trajectory of Edith Stein. A philosopher, engaged woman, Jewish convert to Catholicism, teacher, and politically active intellectual, Stein lived through a context of profound historical transformations. Her life spanned decisive periods such as the aftermath of the First World War, the turbulent process of the Weimar Republic's formation and consolidation, and later the rise of the Nazi regime, culminating in her death in the Auschwitz-Birkenau gas chamber in 1942. The study seeks to analyze how Stein's personal, academic, and spiritual experiences were molded by these political and cultural circumstances, particularly in the face of social instability, economic crisis, and ideological radicalization that characterized Germany in that era. Central to this discussion is her relentless search for identity and truth, marked by the tension between her Jewish heritage, her conversion to Catholicism, and her intellectual engagement in an environment increasingly permeated by antisemitism and political repression. By situating Stein's trajectory within this historical framework, the article highlights the complex relationship between individual and history, showing how existential and intellectual choices are inseparable from the context in which they unfold.

Keywords: Intellectual, Politics, Culture, Woman, Germany, Edith Stein.

Introdução

Edith Stein deixou um legado intelectual por meio de seus trabalhos, suas obras, suas correspondências e suas conferências na Alemanha e fora dela. Toda esta produção intelectual de Stein influenciou tanto os seus contemporâneos, e ainda influenciam os intelectuais de hoje, não apenas no campo da filosofia e da fenomenologia, mas também em estudos e pesquisas acerca da mulher, da pedagogia e mais recentemente no campo da psicologia e da psicanálise.

Stein esteve comprometida com os movimentos e grupos político-sociais que investiam na formação feminina e defendiam os direitos das mulheres em meio a uma sociedade dominada pelos homens. Além disso, a participação ativa de Stein demonstra não apenas sua convicção pessoal na igualdade entre homens e mulheres, mas também sua compreensão das barreiras enfrentadas pelas mulheres em busca de oportunidades acadêmicas e culturais.

Aspectos da biografia de Edith Stein

Edith Hedwig Stein, nome dado por seus pais (Siegfried Stein e Auguste Courant), nasceu em 12 de outubro de 1891, na cidade de Breslau, hoje conhecida por Wrocław, Polônia. A maioria dos familiares de Stein eram de origem judaica provenientes das províncias orientais da Alemanha especialmente da Silésia (STEIN, 2018).

Desde o ingresso de Stein na escola primária em 1897 até o início dos estudos universitários na Universidade de Breslau, em 1911, e, em Göttingen, em 1913, percebemos sua dedicação em busca de respostas para as perguntas acerca da verdade, da política e da formação do ser humano.

No dia 27 de abril de 1911, Stein deu início aos seus estudos universitários na Universidade de Breslau. Ao longo de seus estudos ela não frequentou somente as disciplinas, mas também foi atuante no *Pädagogische Gruppe* (Grupo Pedagógico), fundado por Hugo Hermesen, e formado por estudantes que possuíam engajamento social na formação de educadores (STEIN, 2018).

Os membros do Grupo Pedagógico, inclusive Stein, em 1911, pertenciam também à *Verein der Reformpädagogik* (Associação pela Reforma Escolar), que fazia parte da Federação Geral Alemã para Educação e Ensino. De acordo com Tenorth (1994), a esfera das políticas e práticas educacionais e a pedagogia da reforma apoiava os direitos adquiridos em 1890. Foi neste período que o sistema educacional abriu a escola para todas as crianças e jovens, independentemente do gênero e da classe social, meta apoiada pela associação colaborando para o surgimento de um movimento pedagógico reformista na Alemanha entre 1890 a 1933,

Ao terminar o quarto semestre dos estudos na Universidade de Breslau, Stein começou a receber influência de Georg Moskiewicz acerca dos estudos filosóficos realizados em Göttingen. Moskiewicz, conhecido entre os colegas universitários por Mos, conhecia o professor Edmund Husserl e havia sido aluno dele na Universidade de Göttingen. Moskiewicz fez parte do círculo de intelectuais de Stein durante o tempo em Göttingen, mas também manteve contato posteriormente aos estudos (NOVINSKY, 2014).

Edmund Husserl foi um importante filósofo, mediador de uma cultura intelectual, que contribuiu e influenciou o desenvolvimento universitário, bem como, colaborou na construção dos alicerces do pensamento desenvolvido por Stein, especialmente acerca da fenomenologia (ALES BELO, 2010).

Aos 21 anos de idade, Edith Stein chegou à cidade de Göttingen e em sua autobiografia procurou descrever a nova cidade em contraposição com sua cidade natal. Ela definiu Göttingen como uma verdadeira cidade universitária, com cerca de 30.000 habitantes, em sua maioria, imigrantes, o que a tornava uma cidade plural (STEIN, 2018). Após seus anos de estudos na Universidade de Göttingen, Stein realizou o seu doutoramento com a tese intitulada: *Zum Problem der Einfühlung* (Sobre o Problema da Empatia) e alcançou o resultado final “*summa cum laude*” (STEIN, 2018).

Durante o período de 1923 a 1933, Edith Stein lecionou respectivamente para alunas no *Mädchenlyzeum und Lehrerinnenbildungsanstalt der Dominikanerinnen von St. Magdalena* (Liceu e Escola Feminina para as Jovens Moças de Formação do Professorado de Santa Madalena – 1923-1931) e posteriormente para professoras no *Deutsches Institut für wissenschaftliche Pädagogik* (Instituto Alemão de Pedagogia Científica – 1932-1933) na cidade de Münster (MÜLLER, 2013). Estes foram períodos importantes na vida e na produção intelectual de Stein dentro do movimento católico, uma vez que em 1921 havia se convertido ao catolicismo, sendo batizada em 01 de janeiro de 1922, na Igreja de São Martinho em Bergzabern (ACUÑA, 2013).

Desse modo, além de seu legado intelectual, a vida de Stein também reflete a complexidade e os desafios enfrentados por indivíduos em tempos de convulsões sociais e políticas, sendo marcada pelo ambiente turbulento da República de Weimar, seguido da ascensão do Partido Nacional Socialista e da crescente perseguição aos judeus. Assim, a repressão política imposta pelo governo de Hitler impactou na vida de Edith Stein, levando-a ao Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau, onde foi assassinada na câmara de gás, em 09 de agosto de 1942.

Inferências político-culturais na Alemanha

A Alemanha foi um território de contradições e profundas reflexões, cujas fronteiras ideológicas e filosóficas, sempre ecoaram para além dos limites geográficos. Afinal, foi berço de uma importante produção intelectual que revolucionou a filosofia, a ciência, as artes e a educação e, também foi um solo fértil para o surgimento de ideias inovadoras que transcenderam fronteiras e moldaram paradigmas. A história da Alemanha está entrelaçada com conflitos armados e eventos devastadores, que deixaram marcas indeléveis no decorrer das décadas.

Desde 1740, quando Frederico, o Grande, conquistou a Prússia, a cidade de Breslau, de acordo com o Guia Geográfico (2024), pertencia a região da Silésia, sob o domínio do Império Germânico (Segundo Reich) de 1871 até o final da Segunda Grande Guerra. O Império Alemão, fundado em 18 de janeiro de 1871, existiu até a Revolução de Novembro (Bayern) de 1918 e posteriormente culminou no advento da Segunda Grande Guerra em 1939 (GIODARNI, 2012). Assim, Edith Stein nasceu em uma Alemanha imperial sob o governo de Guilherme II.

Guilherme II, imperador do Segundo *Reich*, desejava assumir o poder independente dos conselheiros do governo, instaurando assim um governo absolutista. Quando Guilherme II assumiu o império, Otto von Bismarck era o atual chanceler e havia servido durante quase todo o reinado de Guilherme I, avô do novo soberano. Entretanto, Otto viu-se obrigado a demitir-se de suas funções em 1890, por divergências pessoais com o imperador Guilherme II. Assim, no ano de nascimento de Edith Stein, Leo von Caprivi era o chanceler do Império Alemão, cargo que exerceu até 1894.

Entre a década de 1850 e 1860, ocorreu uma forte migração de pessoas do campo rural para o meio urbano, o que fez surgir, já no Império Alemão, um aumento considerável de diversas associações e movimentos sociais para atender a quantidade cada vez maior de trabalhadores para as indústrias. Além disso, houve neste período uma expansão da educação, da difusão da fé na ciência e no progresso, e, o nascimento de um grande número de instituições culturais e educacionais como museus, zoológicos, teatros e galerias de arte (FULBROOK, 2016).

De acordo com Santana (2016) outro fato histórico que chamou a atenção foi o aumento populacional ocorrido na Alemanha, saltando de 41 milhões, em 1871, para 61 milhões, em 1910. Este inchaço populacional interferiu diretamente no crescimento da produção, bem como no desenvolvimento das indústrias siderúrgicas, químicas e também na evolução dos meios de transporte, que foi marcado pelo avanço das ferrovias, as quais triplicaram suas linhas interligando a Alemanha a outros países europeus.

A efervescência das questões político-sociais e culturais ao final do século XIX, foi importante para uma mudança de pensamento e avanço do modo de relações das classes sociais alemãs. Neste sentido, observamos que o período de formação acadêmica de Stein foi marcado por traumas significativos, isto é, a perda do pai quando era criança, mudanças políticas no governo de seu país, passando do Império Alemão para a República de Weimar, até chegar ao totalitarismo do nazismo, a luta pelo lugar da mulher dentro do campo universitário, os avanços científicos e o rápido crescimento do campo industrial.

Fulbrook (2016) destaca que os horrores das duas grandes guerras emanaram do solo alemão redefinindo fronteiras, alterando geopolítica e lançando um olhar doloroso sobre as capacidades destrutivas da humanidade. Além disso, a nação germânica enfrentou as cicatrizes do Holocausto, um capítulo sombrio que testemunhou a profundidade das atitudes preconceituosas e aterradoras.

O antissemitismo existente na Europa não nasceu com o início da Segunda Grande Guerra, mas já existia desde o século XVIII. A violência antijudaica explodia com frequência na forma de conflitos físicos, perseguições populares e assassinios. Tanto as Igrejas Cristãs como o Estado se tornaram influenciadores culturais a projetar na mente da população uma aversão aos judeus, isto é, como inimigos do cristianismo e um intruso nas vidas dos cidadãos.

Além das Igrejas e do Estado, surgiram outros grupos e movimentos, como é o exemplo do *Wandervögel* (Pássaros migratórios), formado por jovens e que Stein visitou uma vez durante seus estudos universitários em Breslau. Segundo Fulbrook (2016), o movimento foi fundado em 1895 por Karl Fischer, e tinha o objetivo de protestar contra a industrialização e o consumismo que estava dominando a Europa Ocidental neste período. A ideologia interna do movimento dava ênfase ao retorno à natureza e na busca por uma vida mais simples e autêntica, combatendo o crescente avanço da política industrial e do processo de urbanização. Os membros do movimento realizavam caminhadas e outras atividades ao ar livre, promovendo uma vida comunitária e autossuficiente.

Entretanto, por influência da juventude hitlerista, especialmente na década de 1930, o movimento começou a alimentar um espírito contra a presença dos judeus na Alemanha no início do século XX. Assim, estes grupos e movimentos foram se fortalecendo em um espírito radical nacionalista aproximando-se do movimento de Adolf Hitler.

Esta radicalização levou a um aumento da ideologia antissemita entre os membros do movimento, e, alimentados pela propaganda nazista, estes jovens, começaram a expressar hostilidade contra a presença dos judeus na Alemanha, fortalecendo a dimensão política que era denominada por “questão judaica”. De acordo com Elias (1997), após 1930, muitos outros movimentos jovens aderiram à força de Adolf Hitler contra os judeus.

As lutas dos movimentos semitas por emancipação, para serem aceitos como judeus pelas comunidades locais e nacionais fez o início do século XX ser considerado um tempo de certa liberdade judaica na Europa Ocidental. Na Alemanha, ao final da Primeira Grande Guerra, os judeus estavam entre importantes políticos que contribuíram para a reconstrução da nação. Gilbert (2010) e Giordani (2012) recordam que foi Hugo Preuß, judeu e secretário de Estado

do Interior do novo governo republicano, instalado após a Primeira Grande Guerra, que liderou a preparação do anteprojeto da Constituição de Weimar, considerada uma das mais democráticas na história da Europa após a Primeira Grande Guerra.

Por outro lado, depois que a Alemanha foi derrotada ao final da Primeira Grande Guerra, os judeus foram acusados pela humilhação que o país passou com os embargos impostos pelo Tratado de Versalhes em 1919. Assim, as manifestações antissemitas cresciam na Alemanha, especialmente com o surgimento do *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães), o NSDAP, que posteriormente ficou conhecido como *Názi* (GILBERT, 2010).

No panorama da Alemanha ao final do século XIX e na primeira metade do século XX diversos intelectuais não apenas desafiaram as convenções culturais e sociais de sua época, mas também defenderam com paixão uma causa que tinha repercussões profundas na maneira como hoje se entende a sociedade, a política e a cultura.

Veblen (1980, p. 1) afirma que “a ênfase nos antagonismos de classe, a condenação do monopólio e do poder econômico, os ataques aos partidos e políticos corruptos, a denúncia das universidades, igrejas e jornais, considerados instrumentos de interesses econômicos, esses temas dividiam os meios intelectuais na Europa e Estados Unidos nas três últimas décadas do século XX”.

Desde a metade do século XIX percebemos um crescimento conflituoso de ideias e pensamentos, pois este período pode ser considerado como um dos mais importantes para a cultura, especialmente na Europa Ocidental (CHARLE, 2000). Foi nesta circunstância histórica, recorda Charle (2000), que ocorreu o surgimento dos movimentos filosóficos, literários e políticos que estiveram na base das grandes transformações do século XIX e que exerceram uma influência duradoura no século XX, como o romantismo, o socialismo, o liberalismo e o nacionalismo.

Liberdade mascarada: a República de Weimar

O período da República de Weimar (1919-1933) foi marcado por significativa transição e transformação em vários aspectos da sociedade, como na política, na economia, na academia e na religião. No meio de convulsões políticas e sociais, o clima cultural da República de Weimar diferia notavelmente de épocas anteriores, levantando questões sobre a influência destas mudanças nas crenças e identidades dos indivíduos.

Segundo Elias (1997) os limites das fronteiras nacionais na República de Weimar foram decididos durante as negociações da conclusão da Primeira Grande Guerra, e somente ratificados em 28 de junho de 1919 no Tratado de Versalhes, o qual foi assinado pelo *Reich* Alemão e 27 aliados.

Deste modo, os antigos reinos do Império Alemão foram substituídos pelos 17 Estados que compunha, naquele momento, a República de Weimar, a saber: Anhalt, Baden, Bayern, Braunschweig, Bremen, Hamburg, Hesse, Lippe, Lübeck, Mecklenburg-Schwerin, Mecklenburg-Strelitz, Oldenburg, Prússia, Saxônia, Schaumburg-Lippe, Thüringen e Württemberg (HEISOHN, 2018).

Os conhecidos “Anos Dourados dos anos 20 foram uma expressão do avanço da cultura de massa moderna, que foi facilitada pelo influxo de capital estrangeiro entre 1924 e 1929, como resultado de uma relativa calma interna e de uma ligeira recuperação econômica” (LÜCKEMEIER, 2009, p. 61) Entretanto, este fortalecimento alemão se demonstrou apenas uma aparência, pois os conflitos político-sociais começaram a ocupar o governo recém-criado, provocando uma instabilidade política e econômica.

A Alemanha pré Segunda Grande Guerra já estava marcada por transformações sociais e políticas, e o antissemitismo estava intrinsecamente ligado as narrativas nacionalistas e xenofóbicas. A ideia de uma suposta superioridade racial contribuía para a disseminação desses preconceitos, ainda de maneira tênue, mas que encontrou eco em várias esferas, desde a academia até as interações sociais comuns (GILBERT, 2010).

Conforme Heisohn (2018), a nova constituição democrática de Weimar provocou mudanças políticas e sociais, e a criação de grupos a favor no novo jeito político de governar, mas por outro lado, também gerou o fortalecimento de redes extremistas nacionais. Diante disso, percebemos o quanto importante é a relação de Stein com toda esta dimensão político-social da Alemanha, o que nos possibilita compreender não apenas o desenvolvimento das ideias ao logo de sua produção intelectual, mas também as interações complexas entre o pensamento de Stein com os grupos, pensadores e movimentos político-sociais.

Há em Edith Stein uma atitude ativa em relação à dimensão política da Alemanha. A ideia de pátria e nacionalismo, não se traduzia na vida de Stein de forma extremista, mas como uma busca por compreender a ação de valorização da dignidade do ser humano de forma integral e igualitária, especialmente se empenhando pela formação da mulher, para que assim elas pudessem desenvolver uma vida ativa dentro da esfera pública alemã.

A Constituição Democrática da República de Weimar, estabelecida em 1919, foi uma constituição progressista dentro daquele contexto histórico, pois equiparava homens e mulheres na sociedade civil, o que deu margem para uma crescente participação feminina na política, na sociedade e na vida acadêmica.² Neste contexto, Stein foi uma figura que emergiu proeminentemente, demonstrando uma força feminina singular ao ocupar espaços anteriormente reservados apenas aos homens, especialmente os inúmeros convites para suas conferências em diversos lugares na Alemanha e fora dela.

Segundo Elias (1997), o nacionalismo germânico, que emergiu com força após a Primeira Grande Guerra, encontrou terreno fértil em uma sociedade marcada por turbulências econômicas severas como: o desemprego generalizado, a dívida pública crescente, a inflação galopante e a pobreza disseminada entre as classes operárias, o que gerou um clima de desespero e uma busca desenfreada por culpados.

Neste contexto, a população judaica se tornou um bode expiatório conveniente para os nacionais-socialistas, que canalizaram o descontentamento popular e as frustrações impostas pelo Tratado de Versalhes, não somente se convencendo desta culpa, mas também disseminando esta propaganda entre o povo alemão. Portanto, a propaganda antisemita, amplamente difundida pelo poder nazista, consolidou a ideia de que os judeus eram os responsáveis pelos problemas da nação germânica, corroborando para o aumento do preconceito, da perseguição e da violência contra os judeus.

Para Souza (2023), a narrativa elaborada pela elite nazista durante esta época colocou a culpa diretamente nos judeus pelas tribulações da nação, construindo-os como inimigos do Estado em meio à crise de Weimar. Em resposta ao agravamento da crise, as classes dominantes nacionalistas e extremistas na Alemanha lançaram um ataque à democracia de Weimar, alimentando ainda mais a agitação social e o descontentamento com o atual governo.

Outras mudanças também ocorreram dentro do cenário religioso durante este período da República de Weimar, o qual foi marcado por conflitos significativos entre vários grupos ideológicos. Segundo Cury (1999) os marxistas reformistas, os liberais e os cristãos estavam envolvidos em divergências fundamentais sobre direitos de propriedade, liberdades pessoais e crenças religiosas, criando uma atmosfera diversificada e controversa dentro da sociedade.

² No artigo 22 da Constituição da República de Weimar se lê: “Os membros do Parlamento serão eleitos por sufrágio universal, igual, direto e secreto por homens e mulheres com mais de vinte anos de idade, de acordo com os princípios da representação proporcional. O dia da eleição deve ser um domingo ou um dia público de descanso. Os detalhes são determinados pela Lei Eleitoral do Reich” (UNIVERSITÄT WÜRZBURG, 1919, art. 2, tradução nossa).

Conforme Heisohn (2018), a República de Weimar representou uma complexa mistura das dimensões políticas, econômicas e religiosas, o que contribuiu para a ascensão de grupos extremistas. Politicamente, a nova república enfrentou uma instabilidade crônica, com frequentes mudanças, tentativas de golpes e polarização entre grupos com pensamentos antagônicos. Esta confluência de crises de Weimar, gerou um Estado de governo fraco, culminando no fortalecimento de grupos violentos, que prometiam restaurar a ordem político-econômica da Alemanha.

Ademais, os próprios governantes políticos da República de Weimar estavam divididos em termos religiosos, com diferentes grupos e movimentos opondo-se entre si em questões cruciais, aumentando ainda mais as tensões político-culturais da época. Uma transformação notável ocorreu na distribuição demográfica da população judaica durante este período, ou seja, ao contrário da anterior predominância de judeus em aldeias e pequenas cidades no século XIX, a maioria dos judeus na República de Weimar estavam agora concentrados em grandes centros urbanos, significando uma mudança notável em direção à urbanização.

Além disso, segundo Cury (1999), durante o período da República de Weimar, o cenário religioso foi dominado principalmente pelas Igrejas Católica e Luterana, que detinham um poder significativo em vários aspectos da sociedade. Por exemplo, estas instituições tinham autoridade para vetar nomeações em escolas públicas confessionais, indicando o seu papel na definição de cultura e políticas educativas dentro da República. Consequentemente, os indivíduos religiosos eram frequentemente utilizados para serviços opcionais no exército, hospitais e penitenciárias, mostrando a integração de práticas e crenças religiosas em diferentes esferas da vida pública.

Na Alemanha, este período da primeira metade do século XX, testemunhou um crescente fenômeno, isto é, conversões de judeus ao catolicismo e luteranismo. Estas conversões estiveram presentes na rede de intelectuais de Edith Stein. A conversão religiosa é um fenômeno que não se limita a um evento único e instantâneo, mas envolve um processo gradual que percorre um caminho de transformação espiritual e mudança de cosmovisão.

A vida religiosa de Stein passou por diversas fases, inicialmente foi criada dentro das tradições judaicas, especialmente por influência de sua mãe. Todavia, posteriormente, Stein questionou sua fé e se afastou das crenças e práticas religiosas de sua família. Assim, as tradições judaicas, que marcaram a infância de Stein foram fundamentais para a formação de sua identidade, todavia foi no catolicismo que ela encontrou plenitude espiritual e intelectual, o que também posteriormente influenciou sua produção acadêmica.

Atuação político-social de Edith Stein

A atuação política empreendida por Edith Stein necessita ser compreendida dentro do contexto histórico em que ocorreu, isto é, após a abdicação do imperador Guilherme II, em 9 de novembro de 1918, o Segundo *Reich* Alemão chegou ao fim, dando lugar à República de Weimar, inaugurada com os votos da Assembleia Nacional em 19 de janeiro de 1919. Portanto, este período marcou o fim do século XIX e o início de importantes conquistas de direitos pelas mulheres, incluindo o voto feminino. Diante desta situação e movida por um profundo senso de responsabilidade social, Stein considerou fundamental dedicar uma atenção especial à configuração de uma dimensão público-social para as mulheres, que havia sido reprimida durante muitos séculos.

Consequentemente, a vida de Stein não se limitou apenas às questões acadêmicas, filosóficas e pedagógicas, mas também se engajou ativamente em causas humanitárias, como o seu trabalho na Cruz Vermelha durante a Primeira Grande Guerra (STEIN, 2018). Ademais, sua atividade como docente em Speyer e Münster, suas conferências e produção intelectual, reforçaram seu compromisso com a dimensão político-social de sua época.

Stein esteve envolvida no serviço ao Estado, através de sua atuação como docente, e ao povo, refletindo e debatendo sobre o senso dos direitos e formação da mulher. Além disto, ela tinha uma convicção muito clara sobre o Estado, o que relatou na carta escrita a Roman Ingarden em 20 de fevereiro de 1917 dizendo: “[...] podemos tomar consciência de nosso relacionamento com os todos aos quais pertencemos [...] e podemos nos submeter voluntariamente a eles. Quanto mais vívida e poderosa essa consciência se torna num povo, tanto mais ela se forma num ‘Estado’ e essa formação é a sua organização. Um Estado é um povo consciente de si mesmo que disciplina as suas funções” (STEIN, 1917, tradução nossa).

Após Stein deixar a função de secretária do professor Edmund Husserl em 1918 e depois do seu encontro com o horror experimentado na Primeira Grande Guerra, ela se tornou um dos primeiros membros do *Deutsche Demokratische Partei – DDP* (Partido Democrático Alemão), de tendência liberal de esquerda e que apoiava a República de Weimar.

Stein estava entre os membros fundadores do novo partido liberal que, ocorreu na cidade de Breslau em 22 de novembro de 1918. Além de Stein, também fizeram parte do grupo fundador os seguintes intelectuais: Max Weber, Alfred Weber, Walther Ratheaus, Theodor Heuß, Hugo Preuß, Ernst Cassirer, Harry Graf Kessler, a defensora dos direitos das mulheres, Helene Lange e Marie-Elisabeth Lüders (MROZOWSKA; OKÓLSKA, 1997). A ideia de

fundação do novo partido também foi apoiada pelo professor Albert Einstein, o qual também assinou o documento de iniciação oficial do partido (LEMO, 1919).

Conforme Mrozowska e Okólska (1997), o slogan do DDP estava fundamentado em princípios essenciais, incluindo: condições de habitação dignas, assegurando que todos tivessem acesso a moradias adequadas e seguras; proteção reforçada da liberdade individual, promovendo a liberdade pessoal e protegendo contra qualquer forma de opressão; impostos distribuídos de forma justa, defendendo um sistema tributário equitativo, uma Igreja em um Estado livre, garantindo a liberdade religiosa, apoio a Liga das Nações, uma organização internacional dedicada a promover a paz e a cooperação entre os países, e, a igualdade de direitos para todos, garantindo que homens e mulheres tivessem os mesmos direitos e oportunidades. Este era o desejo que Stein já tinha na época universitária em Breslau, quando se engajou na defesa do voto feminino na *Preußischer Frauenrechtsverein* (Associação Prussiana dos Direitos das Mulheres).

Portanto, a preocupação de Stein com a responsabilidade social a fez adentrar no campo político, de modo especial da defesa da mulher. Em sua autobiografia ela relatou: “[...] eu me engajei também, resolutamente, em favor do direito de voto das mulheres. Isso não era algo óbvio na época, mesmo no seio do movimento cívico das mulheres” (STEIN, 2018, pp. 234-235).

Consequentemente, podemos constatar que a vida político-social de Stein não foi algo superficial, mas manteve um engajamento consistente, não somente enquanto esteve dentro do DDP, mas também na sua preocupação política no campo da pedagogia, de modo especial na questão da formação da mulher.

De acordo com Mrozowska e Okólska (1997), Stein realizou alguns discursos políticos em Breslau e nas cidades vizinhas, dos quais, quatro foram documentados no *Breslauer Zeitung* (Jornal de Breslau). Em 2 de janeiro de 1919 foi publicado no jornal, que Stein iria discursar sobre o tema: “*Die Frau in der National-Versammlung*” (Mulheres na Assembleia Nacional), porém este evento foi cancelado sem apresentar nenhuma justificativa. Já em 06 de janeiro de 1910 ela proferiu um discurso com o título: “*Warum müssen sich die Frauen der Deutschen Demokratischen Partei anschließen*” (Por que as mulheres devem ingressar no Partido Democrático Alemão) no *Saale des Lessing* (Salão Lessing) localizado na Adalberstraße, número 10. Posteriormente, em 09 de janeiro de 1919, ela atuou como moderadora em uma *Geselligen Abends* (Noite Social) e, em 10 de janeiro de 1919, ela proferiu outro discurso

político no *Saal des Kindergarten-Vereins* (Salão da Associação de Jardins de Infância), localizado na Maltheserstraße.

Conforme Mrozowska e Okólska (1997), nos discursos proferidos por Stein acerca da questão política, ela não somente promoveu o direito das mulheres ao voto, mas apresentou os objetivos do novo partido e denunciou os erros cometidos pela política anterior, afirmando que os membros do DDP deveriam superar a divisão em classes e o poder de dominação.

Na mesma época Stein foi nomeada para o conselho de 16 membros da organização juvenil do DDP, se dedicando ao grupo de trabalho sobre *Jugendbildung* (Educação dos jovens) dentro do DDP, bem como, no *Abteilung für Religion und Weltanschauung* (Departamento de Religião e Cosmovisão). Além de Stein, outros membros que fizeram parte destes trabalhos foram Heinrich Scholz, Julius Stenzel e Konrat Ziegler.

Entretanto, segundo Arranz (2021), o engajamento de Stein dentro do DDP durou poucos meses, pois no segundo semestre de 1919, ela percebeu que lhe faltava as ferramentas e os conteúdos necessários para continuar neste caminho político partidário. Entretanto, esta desistência de Stein da atuação partidária, não lhe eximiu de sua continuada atuação político-cultural, mas continuou sua preocupação política como professora e conferencista, ofício que exerceu até 1933.

Após seus discursos políticos, engajamento nos grupos de trabalho do DDP e depois de publicar um artigo, em 10 de fevereiro de 1919, no jornal do partido denominado: *Der Volkstaat* (O Estado Popular), sob o título: *Zur Politisierung der Frauen* (Sobre a politização das Mulheres), Stein começou a encerrar sua participação ativa dentro do DDP e se dedicou à sua habilitação para poder atuar como docente.

Segundo Arranz (2021), no artigo: *Zur Politisierung der Frauen*, Stein (1919) reiterou que, após a instauração da nova Constituição de Weimar não haveria mais uma relação profissional, econômica ou cultural, que não dependesse essencialmente da política. Nesta publicação, ela denunciou a perigosa existência de uma superabundância de propaganda política, que pudesse prejudicar os partidos e suas relações com o eleitorado. Além disso, Stein também recordou o respeito à missão particular da mulher, principalmente agora pelo seu voto e por estar presente nas tomadas de decisões políticas e administrativas do Estado.

Para Stein (1919), a mulher poderia agora contribuir significativamente para o objetivo democrático, que é alcançar e consolidar a unidade do povo através do equilíbrio das relações de poder opostas, mas isto só seria possível quando a mulher estivesse politicamente e socialmente formada. Ademais, Stein (1919) identificou a vinculação do âmbito pessoal,

público e profissional de cada cidadão como razão fundamental para começar a compreender a política como um meio para atender, não apenas os problemas do Estado, mas também os assuntos de cada indivíduo.

Desta maneira, a política, para Stein (1919), significou adotar uma nova posição que implicaria a realidade social, isto é, a expressão para se falar sobre uma nova visão da educação dirigida a fomentar a política em cada indivíduo, e em particular a mulher. À vista disso, “Edith Stein encontraria o caminho para o desenvolvimento deste processo através de uma abordagem pedagógica baseada na antropologia filosófica e teológica, apoiada pela psicologia e pela sociologia, a fim de promover o aperfeiçoamento da pessoa com a ajuda de agentes externos, partindo da configuração interna e levando em conta as dimensões pessoal, social e transcendental” (ARRANZ, 2021, p. 92, tradução nossa).

Neste sentido, segundo Arranz (2021), Stein tinha consciência do perigo de cair em extremismos formativos, no qual, por um lado, se proveria os direitos individuais sobre os da comunidade, ou por outro lado, se negaria o valor da pessoa à sua capacidade de contribuição efetiva ao todo, por isso, Stein optou por uma proposta educativa que fomentasse um equilíbrio de interesses entre o indivíduo e a comunidade.

Assim, para Stein (2018), o trabalho sócio-filosófico foi uma preparação para a atividade política que lhe consumiu por vários meses entre 1918 e 1919, e que não esteve fora de seu horizonte, mesmo após sua saída do DDP.

Durante o período em Münster e nas viagens que ainda realizava para proferir suas conferências os confrontos contra os judeus tornavam-se cada vez mais ofensivos. Diante desta violência antissemita, segundo Novinsky (2014), as reações de Stein frente ao antissemitismo foi enfatizar sua origem judaica, mesmo diante de sua conversão ao catolicismo, por isso, sempre quando tratou acerca de assuntos da “questão judaica” ela se referiu a partir do pronome “nós”.

Assim, a sua atuação política em defesa do voto feminino esteve alicerçada no interesse em estabelecer uma relação intrínseca entre política e educação, permitindo que as mulheres pudessem se inserir proativamente na vida pública alemã, mas que também fossem amplamente formadas e pudessem adquirir conhecimento, o que foi por muito tempo não acessível ao grupo feminino. Para ela, o passo dado a partir da República de Weimar, significou não apenas uma ação externa, mas também um movimento interno voltado para o desenvolvimento da consciência e da responsabilidade social.

Considerações finais

Edith Stein se tornou uma figura importante no início do século XX, tanto por ser mulher, bem como por ser judia e posteriormente convertida ao catolicismo, ela viveu em uma era de grande agitação política, social e cultural na Alemanha. A trajetória pessoal e intelectual foi moldada pelos eventos históricos de seu tempo, desde a República de Weimar até a ascensão do regime nazista, o que culminou no seu assassinato no Campo de Concentração.

Nascida em uma família judia, sua conversão ao catolicismo e subsequente entrada na vida monástica representaram uma busca profunda por sentido e por verdade, em meio às turbulências de sua época. O impacto das políticas antisemitas nazistas, também ressalta a brutalidade e a desumanidade enfrentadas por muitos durante este período sombrio da história alemã.

As contribuições de Edith Stein para a filosofia, política e cultura continuam a ser relevantes, proporcionando *insights* valiosos sobre a condição humana, e como cada ser humano se relaciona com estes movimentos frente ao seu contexto histórico. Sua vida e obra são testemunhos da resistência intelectual e espiritual em face da opressão. Em tempos de polarização e conflito, sua história oferece uma reflexão profunda sobre a importância do diálogo, da compreensão e da empatia. Ao navegar pelos movimentos políticos, sociais e culturais de sua época, Stein deixou um legado que transcende as barreiras temporais, ainda hoje inspirando gerações.

Referências Bibliográficas.

- ACUÑA, Edgar Cruz. **Edith Stein: La Filósofa que encuentra a Dios.** *Phainomenon*. Lima, vol. 12, nº. 1, 2013, pp. 29-41.
- ALES BELLO, Angela. A **questão do sujeito humano.** *SIPEQ (Anais do IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. Pesquisa Qualitativa: rigor em questão*, UNESP, Rio Claro, pp. 1-9, 2010.
- ARRANZ, Milagros María Muñoz. **Edith Stein (1891-1942): política y educación como herramientas de cambio social en favor de la mujer en los inicios del siglo XX.** *Cuadernos de Pensamiento*, Madrid, nº 34, pp. 81-108, 2021. Disponível em: <<https://revistas.fuesp.com/cpe/article/view/228/211>>. Acesso em 10 jul. 2024.

- CHARLE, Christophe. **Los intelectuales en el siglo XIX: precursores del pensamiento moderno**. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 2000.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. **A constituição de Weimar: um capítulo para a educação**. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 19, nº 63, ago. 1998. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/PT9RqZLz6NpbK6bDXCCCyrm>>. Acesso em 20 mar. 2024.
- ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- FULBROOK, Mary. **História concisa da Alemanha**. São Paulo: Edipro, 2016.
- GILBERT, Martin. **O Holocausto: história dos judeus na Europa na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- IODARNI, Mario Curtis. **História do século XX**. Aparecida: Ideias & Letras, 2012.
- GUIA GEOGRÁFICO. **Atlas da Europa: Polônia**. Disponível em: <<https://www.guiageo.com/europa/polonia.htm>>. Acesso em 12 abr. 2024.
- HEISOHN, Kirsten. **Grundsätzlich gleichberechtigt. Die Weimarer Republik in frauenhistorischer Perspektive**. *Bundeszentrale für politische Bildung*. Bonn, 27 de abr. 2018. Disponível em: <<https://www.bpb.de/themen/erster-weltkrieg-weimar/weimarerrepublik/277582/grundsatzlich-gleichberechtigt-die-weimarer-republik-in-frauenhistorischerperspektive/>>. Acesso em 24 abr. 2024.
- LEMO. LEBENDIGES MUSEUM ONLINE. **Wahlplakat der Deutschen Demokratischen Partei zur Weimarer Nationalversammlung**. Berlin: Deutsches Historisches Museum, 1919. Disponível em: <<https://www.dhm.de/lemo/bestand/objekt/wahlplakat-der-ddp-zur-national-versammlung-1919.html>>. Acesso em 23 jul. 2024.
- LÜCKEMEIER, Kristin. **Weimar Republik 1932**. *Diercke, Braunschweig*, vol. 3, p. 61, 2009. Disponível em: <<https://diercke.de/content/weimarer-republik-1932-978-3-14-100770-1-61-30>>. Acesso em 09 mai. 2024.
- MACLNTYRE, ALASDAIR. **Edith Stein: um prólogo filosófico, 1913-1922**. Campinas: Ecclesiae, 2022.
- MROZOWSKA, Danuta; OKÓLSKA, Halina. **Edith Steins Spuren in Breslau**. *Edith-Stein-Gesellschaft*. Wrocław, 1997. Disponível em: <<https://www.edith-stein.eu/portfolio/breslau-wroclaw/>>. Acesso em 14 de mar. 2024.

- MÜLLER, Markus. **Das Deutsche Institut für Wissenschaftliche Pädagogik 1922-1980: von der katholischen Pädagogik zur Pädagogik von Katholiken**. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2013.
- NOVINSKY, Ilana Waingort. **Em busca da verdade em tempos sombrios: Edith Stein**. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2014.
- SANTANA, Luiz. **Edith Stein: a construção do ser pessoa humana**. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.
- SOUZA, Ronaldo Tadeu. **República de Weimar. A Terra redonda**, 17 de mai., 2023. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/republica-de-weimar/>>. Acesso em 20 mar. 2024.
- STEIN, Edith. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. São Paulo: Paulus, 2018.
- STEIN, Edith. [Carta] 20 de fev. 1917, Freiburg [para] INGARDEN, Roman, n. 09.
- STEIN, Edith. **Selbstbildnis in Briefen III: briefe an Roman Ingarden**. Disponível em: <<https://www.karmelitinnen-koeln.de/edith-stein-archiv-kk/gesamtausgabe>>. Acesso em 10 jul. 2023.
- STEIN, Edith. **Zur Politisierung der Frauen**. *Der Volkstaat. Demokratische Wochenschrift*, Breslau, vol. 1, nº 2, pp. 5-6, 1919.
- TENORTH, Heinz-Elmar. **Reformpädagogik. Erneuter Versuch, ein erstaunliches Phänomen zu verstehen**. *Zeitschrift für Pädagogik*, Berlin, vol. 40, nº 4, pp. 585-604, jul./ago., 1994.
- UNIVERSITÄT WÜRZBURG. **Die Verfassung des Deutschen Reichs (Weimar Reichsverfassung) vom 11. August 1919**. Disponível em: <https://www.jura.uni-wuerzburg.de/fileadmin/02160100-muenkler/Verfassungstexte/Die_Weimarer_Reichsverfassung_2017ge.pdf>. Acesso em 14 abr. 2024.